



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
LINGUAGENS E CÓDIGOS

DIFICULDADES E DESAFIOS ENCONTRADOS NA PROFISSÃO DOCENTE NA
VISÃO DE PROFESSORES DE UMA ESCOLA DO CAMPO

BRASIL NOVO - PA
JULHO/2019

ANGELICA FEDERICCI

DIFICULDADES E DESAFIOS ENCONTRADOS NA PROFISSÃO DOCENTE NA
VISÃO DE PROFESSORES DE UMA ESCOLA DO CAMPO

Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Educação do Campo/Linguagens e Códigos pela Universidade Federal do Pará/Campus de Altamira, sob orientação da Professora Raquel Lopes.

BRASIL NOVO - PA
JULHO/2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F293d Federicci, Angelica
 Dificuldades e desafios encontrados na profissão docente na visão de
 professores de uma escola do campo / Angelica Federicci.
— 2019.
 22 f. : il.

 Orientador(a): Prof^a. Dra. Raquel da Silva Lopes
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de
 Etnodiversidade, Campus Universitário de Altamira, Universidade
 Federal do Pará, Altamira, 2019.

 1. Profissão docente. 2. Trajetória . 3. Valorização . I.
 Título.

CDD 370.91734

*“Se a educação sozinha não transforma a sociedade,
sem ela tampouco a sociedade muda”.*

(Paulo Freire)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, a ele toda a minha gratidão.

Gostaria de deixar registrado também, o meu reconhecimento a meu esposo e a minha família, pois acredito que sem o apoio deles seria muito difícil vencer esse desafio.

Agradeço a minha orientadora, Prof.^a Dr.^a. Raquel Lopes, pela sabedoria com que me guiou nesta trajetória e a todos os professores do Curso de Educação do Campo- Linguagens e Códigos.

Agradeço às pessoas entrevistadas, pois foram essenciais para a construção deste trabalho.

Enfim, a todos os que contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este artigo realiza reflexões sobre os desafios e dificuldades pessoais e sociais que os profissionais docentes enfrentam na trajetória de sua profissão. O objetivo fundamental é contribuir para que haja uma conscientização da comunidade escolar, pais, alunos e sociedade sobre a importância da valorização da profissão docente. Os procedimentos e métodos utilizados nesta pesquisa entrelaçam-se numa abordagem qualitativa baseada na coleta de dados por meio de entrevista. Os resultados obtidos pela pesquisa apontam que os desafios e as dificuldades para seguir uma profissão docente estruturada e valorizada estão relacionados a diferentes fatores, como a falta de reconhecimento, a remuneração, as condições de trabalho, entre outros.

Palavras-Chave: Profissão docente; trajetória; valorização.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma reflexão sobre os desafios que os profissionais docentes que atuam em escolas do campo enfrentam no exercício de sua profissão. Tema que hoje é muito discutido na nossa sociedade, por esse motivo tem-se uma necessidade de conscientização da comunidade escolar, pais e alunos sobre a importância da valorização da profissão docente. Sabemos que o profissional docente exerce uma das profissões mais bonitas, que é a arte de ensinar, todas as demais profissões passam por um professor. Portanto, esses profissionais deveriam ser mais valorizados, dada a sua importância para o desenvolvimento do nosso país.

Meu interesse por esta temática surgiu e foi amadurecendo ao longo de minhas pesquisas de Tempo Comunidade¹, no curso de Educação do Campo-Linguagens e Códigos da Universidade Federal do Pará², realizadas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Rui Barbosa, km 70 faixa, Agrovila Jorge Bueno da Silva, Rodovia Transamazônica, Medicilândia – PA. Convivendo nessa escola durante os estágios, eu percebia um certo mal estar entre as professoras em algumas situações ali vivenciadas e senti a necessidade de aprofundar e discutir mais sobre esse tema. Cheguei a fazer alguns questionamentos por ocasião da elaboração dos relatórios de Tempo Comunidade, mas sentia que não eram suficientes.

A cada nova inserção na escola já citada, durante os trabalhos e estágios que desenvolvi, e convivendo com os profissionais docentes, em meio a conversas nos corredores da escola sobre os desafios que enfrentam no dia a dia, ouvi constantes reclamações por parte deles envolvendo os baixos salários que cada dia diminuem mais, a desvalorização a que se sentem submetidos, o desinteresse dos alunos, a omissão dos pais, entre outros fatores.

¹ O curso de Educação do Campo tem como metodologia a Pedagogia da Alternância. É um método de estudo que possibilita os alunos estudarem no período 45 dias duas vezes por ano, tendo o Tempo Universidade, que é o tempo em sala de aula, aprendendo teorias e fazendo reflexões sobre diversos contextos. E o Tempo comunidade que depois desse período de 45 dias em sala de aula voltam para sua propriedade familiar e comunidade, colocando em prática tudo que aprendeu. Podendo fazer um levantamento das problemáticas ali existentes, e depois levar para a sala de aula, discutir em grupos e juntos perceber os pontos a serem melhorados. O lugar onde vivemos acaba sendo um laboratório de pesquisa para o aluno, onde se detecta problemas, propõe-se estratégias e metodologias que busquem as possíveis soluções para tais situações.

² Este curso se estrutura em uma metodologia diferenciada, a Pedagogia da Alternância. Sobre essa metodologia, Ramofly Bicalho ressalta que: Ela nasceu do anseio de agricultores familiares em suas comunidades rurais no intuito de garantir educação e formação profissional diretamente articuladas às histórias de vida das pessoas, as questões culturais, econômicas, políticas e de fortalecimento do embate acerca do desenvolvimento sustentável. Propõe gestões participativas, estabelecendo relações cotidianas e democráticas entre a escola e a comunidade, sendo fortalecidas nas ações coletivas e sociais. Educadores e educandos na produção do conhecimento ensinam e aprendem numa relação dialógica, gerando autonomia, valorização pessoal e fortalecimento da autoestima. Com a alternância é possível romper com pedagogias focadas apenas na relação professor-aluno-saber. Parte-se da estreita relação entre prática-teoria-prática, valorizando experiências que envolvam diversas aprendizagens, dentre elas, a educação popular (BICALHO, 2013, pag. 47).

Diante dessas considerações comecei a me interessar pelo assunto e decidi que seria o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso, pois queria saber qual era o sentimento que esses docentes traziam em relação a sua condição profissional, quais eram suas inquietudes perante esses desafios que vêm enfrentando no exercício de sua carreira.

Diante das considerações feitas acima, sobre os desafios encontrados na profissão docente, levantei as seguintes questões: por que uma profissão tão importante como a de um professor não está sendo valorizada? Quais fatores estão contribuindo para essa desvalorização? Qual é a visão da comunidade sobre esses profissionais? Qual é a visão dos professores sobre a comunidade? Quais os desafios encontrados na trajetória da profissão?

Com este trabalho pretendo ampliar e aprofundar alguns desses questionamentos, à luz de alguns teóricos que falam sobre o assunto, mas sobretudo a partir da ótica dos próprios docentes envolvidos na questão, apresentando a realidade em que esses profissionais vivem, destacando os desafios da profissão, experiências de vida e anseios para o futuro.

Para melhor organização e compreensão do leitor, a pesquisa foi dividida em seções trazendo inicialmente o percurso metodológico especificando o tipo da pesquisa, abordagem, sujeitos, coleta de dados, espaço e tempo. Em seguida, busco conhecer o perfil das professoras entrevistadas e demonstrar suas reflexões acerca da profissão docente e suas dificuldades. Finalizando, trago reflexões referentes à perspectiva desses profissionais com relação ao futuro da educação.

PERCURSO METODOLÓGICO

Dada a natureza da investigação aqui proposta, e considerando também minha condição de observadora-participante do contexto investigado, a metodologia utilizada foi de caráter qualitativo, porque de outro modo eu não teria como dar conta da complexidade do tema, uma vez que envolve a representação das pessoas sobre o problema, sua visão de mundo, sua subjetividade. Sobre a pesquisa qualitativa, Oliveira (2008) nos diz que:

Entre os mais diversos significados, conceituamos abordagem qualitativa ou pesquisa qualitativa como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para a compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação. Esse processo implica em estudos segundo a literatura pertinente ao tema, observações, aplicação de questionários, entrevistas e análise de dados, que devem ser apresentadas de forma descritiva. (OLIVEIRA, 2008, p. 37).

A pesquisa qualitativa é um estudo dirigido para a compreensão do contexto em que está colocado o problema ou fenômeno em análise, e tem o objetivo de promover uma reflexão e análise de tal realidade mediante a coleta e interpretação de dados. Assim, o pesquisador pode

explorar o comportamento, expectativas, perspectivas e as experiências de vida da pessoa pesquisada, sendo possível uma melhor interpretação do tema/objeto estudado.

Para obter os dados para a pesquisa, utilizei um formulário de entrevista contendo 10 perguntas a respeito da formação docente, dos desafios encontrados no exercício da profissão, assim como sobre as aspirações dessas pessoas referentes ao seu trabalho. Coletei depoimentos de três professoras que se dispuseram a participar da pesquisa. As entrevistadas têm diferentes perfis em termos de idade, tempo de experiência e forma de ingresso na carreira. As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas.

Elas têm idades entre 37 a 53 anos, todas residem na comunidade em que a escola está localizada; são casadas e duas já têm filhos; a outra está grávida de seu primeiro filho. Elas serão identificadas pelas letras **A**, **S** e **E**.

A está na profissão docente há 5 anos; **S** tem 17 anos de serviço e **E** conta já com 32 anos de atuação – como já comentei acima, percebe-se que entre as três entrevistadas há uma diferença significativa de tempo de atuação. Esse contraste foi propositalmente pensado a fim de trazer mais elementos para analisar a situação que motivou a pesquisa.

A coleta de dados por meio de entrevistas foi realizada na Escola Rui Barbosa, nos dias 10, 11 e 15 de junho de 2019, cada dia com uma professora. Marquei com elas o melhor horário para nossa conversa, falei que a entrevista seria gravada e todas concordaram. Foi um momento muito importante do meu trabalho, pois pude compreender de forma detalhada as percepções e experiências de vida dessas profissionais docentes ao longo de suas trajetórias.

Conhecendo a escola em estudo – EMEF Rui Barbosa

A Escola Rui Barbosa está localizada na Agrovila Jorge Bueno da Silva, Km 70 Faixa, às margens da Rodovia Transamazônica-BR 230, Medicilândia – PA. Essa instituição escolar foi construída na época da colonização da Transamazônica, no ano de 1972, com o objetivo de atender às famílias vindas de diversas regiões do país, durante o processo de colonização do governo federal na região de Altamira. Era construída toda de madeira, com apenas quatro salas de aula. As aulas tiveram início em 28 de fevereiro de 1972 com cerca de 90 alunos matriculados nas turmas de 1ª a 3ª séries do antigo primeiro grau (hoje, ensino fundamental).

Ela foi construída pelo governo do estado. Por ser uma escola estadual era gerenciada pela Secretaria de Estado de Educação, estando sob a responsabilidade administrativa e pedagógica da Secretaria de Educação (SEDUC) de Altamira, 10ª Unidade Regional de Ensino (URE). Até o ano de 1997, a Escola Estadual de 1º Grau Rui Barbosa recebia um recurso para

sua manutenção, o Fundo Rotativo³. A partir de 1998, que teve como marco o processo de municipalização, a Escola Rui Barbosa passou a ser de responsabilidade da esfera municipal. Por ser uma escola de médio porte, recebe recursos para a manutenção e desenvolvimento do ensino por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE)⁴. Esse recurso é administrado e fiscalizado pelo conselho escolar.

A escola atende desde a Educação Infantil até os anos finais do ensino fundamental, além da Educação de Jovens e Adultos – EJA e Ensino Médio. Sabemos que o Ensino Médio é de responsabilidade estadual, então foi feita uma negociação entre estado e município, sendo que a escola Rui Barbosa cede o espaço para esse nível de ensino e o estado entra com os profissionais docentes para atender os alunos. Estes níveis de ensino funcionam nos turnos matutino, vespertino e noturno. Os horários de funcionamento são respectivamente, matutino: 07h30min às 11h45min, vespertino: 13h30min às 17h30min e noturno: 19h00min às 22h30min.

A Escola Rui Barbosa pelo turno matutino atende seis (6) turmas, sendo uma de 1º e 2º ano dos anos iniciais e as quatro turmas de ensino fundamental anos finais (6º, 7º, 8º e 9º ano). No turno vespertino atende quatro turmas do ensino fundamental anos iniciais. No período noturno a escola atende a Educação de Jovens e Adultos, sendo as seguintes turmas 1ª, 2ª, 3ª e 4ª etapa e o Ensino Médio com 1ª, 2ª e 3ª Série.

No dia 22 de outubro de 2010 a escola Rui Barbosa foi contemplada pelo governo Estadual uma nova estrutura física, com seis salas, de alvenaria, piso em cerâmica, janelas de vidro com grade, climatização e com uma boa iluminação, para melhor conforto dos alunos. A estrutura física é de 70 por 125 metros, o pátio é bastante espaçoso. Possui uma ampla estrutura, com secretaria, sala de professores, seis salas de aula, uma cozinha equipada, um refeitório, biblioteca, banheiros e uma quadra poliesportiva coberta.

A imagem a seguir mostra uma pouco o espaço externo da escola:

³ O programa Fundo Rotativo era um instrumento de repasse de recursos aos estabelecimentos de ensino da rede estadual, para a manutenção e outras despesas relacionadas com a atividade educacional. Ele é oriundo de programas descentralizados de recursos financeiros desenvolvidos pela Secretaria de Estado da Educação aos longos dos anos. Fundo Rotativo disponível em: <http://www.educacao.pr.gov.br/modules/conteúdo> (acessado em 2 de julho de 2016)

⁴ O PDDE consiste na assistência financeira às escolas públicas da educação básica das redes estaduais, municipais e do Distrito Federal e às escolas privadas de educação especial mantida por entidades sem fins lucrativos. O objetivo desses recursos é a melhoria da infraestrutura física e pedagógica, o reforço da autogestão escolar e a elevação dos índices de desempenho da educação básica. Os recursos do programa são transferidos de acordo com o número de alunos, e do censo escolar do ano anterior ao do repasse. PDDE disponível em: (<http://portal.mec.gov.br/financiamento/dinheiro-direto-na-escola>). (acessado em 4 de julho de 2016)

Figura: imagens da EMEF Rui Barbosa.



Fonte: pesquisa de campo, arquivo pessoal, 2016.

IMAGENS SOCIAIS DA DOCÊNCIA

A profissão docente é conhecida como uma experiência que é, ao mesmo tempo, individual e coletiva. O professor é descrito como o ator principal da sua formação, e a prática é considerada meio de produção de conhecimento, contexto de construção e reelaboração de saberes, envolvendo diferentes níveis de conhecimentos ao longo de sua construção histórica, social e política.

A profissão docente vem sendo discutida desde os tempos do Brasil Colônia, em 1500, embora em termos muito diversos ao longo dos tempos. As diferentes e recorrentes discussões sobre a melhoria da formação e das condições de trabalho docente, bem como da qualidade de ensino nas escolas expõe na maioria das vezes um significado bastante intrigante, o que indica que nem sempre a profissão é reconhecida e valorizada como deveria ser. Accácio relata o início histórico da formação docente da seguinte forma:

O magistério no Brasil-colônia consistia em ocupação de alto nível já que exercido por padres, membros da elite colônia, sendo os jesuítas quase os únicos mestres do Brasil no século XVI. [...] os mestres jesuítas começaram seu trabalho pela educação popular na escola de ler e escrever, embora nela não se detivessem e as escolas primárias lhes serviam de instrumentos de penetração na sociedade brasileira em formação. Gozavam de prestígio na sociedade colonial e a dotação de recursos para seus colégios crescia sem cessar [...] (ACCÁCIO, 2005, p. 80).

Percebe-se na fala da autora que no início do magistério no Brasil essa categoria de profissionais foi prestigiada e reconhecida por seu valor intrínseco. Havia uma espécie de naturalização da docência justificada pela necessidade de a igreja converter e “salvar” os nativos da ‘perdição’ em que viviam. Esse efeito moralizante vai se enraizar no imaginário social e sua análise nos ajuda a entender a carga ideológica que perdura na trajetória dessa profissão e os significados que daí decorrem.

No entanto, a história demonstra que ao passar das décadas muitas coisas mudaram. O clima de valorização monetária e social dos mestres jesuítas teve dois séculos de sucesso e respeito até sua expulsão de Portugal e Brasil, em 1759 pelo Marquês de Pombal – o que promoveu um desequilíbrio no processo de ensino da época, desencadeando o surgimento de vários professores leigos desprestigiados pelas autoridades e com salários baixíssimos, com que eram obrigados a manter tanto a si quanto ao espaço em que lecionavam, o que resultava em escolas com prédios e mobiliário precários para o ensino (ACCÁCIO, 2005).

Vemos, assim, que essa condição de desvalorização da profissão docente tem raízes históricas. As mudanças que foram alcançadas em termos de profissionalização tiveram o preço de lutas e vidas ceifadas, para que a categoria viesse a ser reconhecida como tal. E neste meio, os profissionais docentes enfrentam diversos obstáculos, principalmente nas escolas do campo, com a falta de infraestrutura, de materiais pedagógicos, de apoio administrativos (com gestores que ainda os tratam como moedas de trocas, em rotatividade docente), falta de formações, preconceito e principalmente com salários inferiores.

Sabemos que a classe docente tem buscado por direitos e garantias profissionais, da organização e carreira, mas nem sempre alcançam os resultados desejados. Essas lutas por direitos não garantidos têm perpassado a história da educação brasileira e permanece em discussão constantemente. Verificamos que os desafios da formação mudam de acordo com situações históricas. E uma das mudanças que podemos ressaltar está relacionada à possibilidade de reinvenção do próprio fazer docente por parte dos professores que, apesar de todas as dificuldades, se veem e se constroem como sujeitos de suas práticas no movimento dialético de sua atuação profissional, porque se percebem incompletos, inconclusos.

Para Freire: “Entre nós, mulheres e homens, a inconclusão se sabe como tal. Mais ainda, a inconclusão que se reconhece a si mesma implica necessariamente a inserção do sujeito inacabado num permanente processo social de busca” (FREIRE, 1996, p. 55). Busca por melhorias do ensino educacional e principalmente a valorização profissional. O profissional docente ensina todas as outras profissões, por isso merece, sem dúvida, melhor destaque.

Segundo Paulo Freire, ressaltando a importância do trabalho docente, “Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade” (FREIRE, 1996, p. 24). Assim, estar sempre disposto a aprender e ensinar, em uma constante troca de conhecimentos, inovações de suas práticas, projetos pedagógicos e a experiência vivida passada adiante como símbolo de conceito crítico social e formativo ao ser humano, é gratificante.

Portanto, defende-se aqui a importância de se compreender e conhecer um pouco mais as condições concretas em que ocorre o trabalho dos professores, como uma busca por reflexão sobre os processos de profissionalização docente de educadores atuantes em escolas do campo.

Perfil das entrevistadas e reflexões a cerca da profissão escolhida

Para sistematizar os dados que serviram de suporte para as reflexões acerca do tema proposto, trago o perfil das professoras entrevistadas, suas experiências e reflexões sobre a profissão que escolheram para atuar. Todas têm formação superior e relataram suas experiências nesse processo muito importante em suas vidas. A docente **A** é formada em Licenciatura em Geografia pela ULBRA⁵. Já a entrevistada **S** é formada em Licenciatura em Letras pela Universidade Federal do Pará UFPA - Campus de Altamira e pós-graduação na área de Metodologia do Ensino na Língua Portuguesa pela FACINTER⁶. Essas profissionais atuam nos anos finais do ensino médio e atuam na área de suas formações. A docente **E** é formada em Licenciatura em Pedagogia pela UFPA, Campus Altamira/Polo de Uruará. Atualmente ela está atuando como coordenadora pedagógica da escola Rui Barbosa.

Para ingressar na faculdade todas disseram que foi por meio de vestibular. A professora **S** explica como foi seu ingresso no Ensino Superior:

[...] eu ingressei na UFPA por meio de vestibular mesmo, naquela época não existia financiamento de faculdade como tem hoje, não tinha outros meios a não ser o vestibular, que era uma vez por ano, fazia e se não passasse, esperava mais um ano para fazer de novo, eu sou daquela época, que fazia vestibular no mesmo ano e ingressava somente por aquele método. Hoje a gente tem mais facilidades e meios para ingressar numa faculdade (S, 39 anos, 2019).

Sabe-se que para a maioria da população brasileira ingressar na universidade não é fácil, mas em comparação com décadas atrás, atualmente há mais oportunidades para cursar o ensino superior, principalmente no campo, a exemplo do Curso de Educação do Campo, no qual estou inserida, além de uma de outra política de formação, como o PARFOR⁷.

Em relação ao interesse pela profissão, **A** declarou que seu interesse surgiu depois de terminar o ensino médio, e as professoras **S** e **E** disseram que desde a infância teve esse interesse pela profissão docente, e relatam com muito sentimento sobre o assunto. **S** ressalta que:

⁵ Universidade Luterana do Brasil, é uma instituição de ensino superior privada brasileira.

⁶ Faculdade Internacional de Curitiba (FACINTER), é uma instituição de ensino superior.

⁷ Plano Nacional de Formação de Professores (PARFOR) foi criado em 2009, com o objetivo de capacitar professores da Educação Básica sem formação adequada e completou nove anos de implantação na UFPA em 2018, levando aos municípios do interior do Pará os professores, mestres e doutores que atuam na graduação dos cursos extensivos. O PARFOR UFPA já alcançou quase 14 mil professores da Educação Básica e formou mais de 7.500 docentes.

Eu creio que já nasci com esse dom, eu acredito que pra mim não foi um belo dia me surgiu essa vontade, eu lembro que desde criança eu já brincava de ser professora, minha brincadeira era assim, os alunos eram imaginários, o guarda roupa era meu quadro e pegava os livros que meu pai e minha mãe estudaram e eu dava minha aula, então já era minha brincadeira de infância ser professora, e eu só fui alimentando aquilo e fui crescendo e aquilo nunca saiu da minha cabeça, então foi assim, eu já nasci com esse dom de ser professora. Eu acho muito bonito, é uma profissão muito nobre, porém muito sofrido, se for olhar os pontos aí que a gente percebe que se não tiver um pouco de gosto a pessoa abandona. (S, 39 anos, 2019)

A professora E relata também como surgiu esse interesse pela sua profissão, e diz:

A vontade, o desejo de ser professor vem desde de cedo, na época de infância, àquela hora de brincar, eu sempre queria ser a professora, é uma das coisas que sempre achei muito bonito, eu tinha uma tia que era professora, tinha não, ainda tenho, só que ela não é mais professora, mas eu achava aquilo o máximo, disse então vou ser professora. Sempre para mim escola, professor, sala de aula sempre foi o foco. Todo tempo gostei muito. Quando eu me tornei professora, no período que eu terminei o segundo grau, naquele período tinha o magistério, praticamente todas as mulheres se direcionava mais a ser professora, eu terminei em 1985, não existia ensino médio, só magistério, então quase todas as moças, a profissão era ser professora, porque, ainda era uma profissão que encantava, era uma profissão que você sonhava em fazer a criança ler e descobrir o mundo novo (E, 53 anos, 2019).

As falas das professoras deixam claro que a profissão que escolheram para suas vidas era um desejo desde a infância, um sonho e uma inspiração. Pois como a professora E disse, vendo sua tia exercendo a docência “achava aquilo o máximo”, ela teve como modelo de profissão que a encantou desde a infância. Para Roseli Fontana: “[...] não nascemos professoras, nem nos fizemos professoras de repente. O fazer-se professora foi-se configurando em momentos diferentes de nossas vidas” (FONTANA, 2000, p. 122). A relação afetiva com algum membro da família ou do grupo social imediato exerce um papel importante nessa escolha.

Na atualidade os profissionais docentes estão em constantes questionamentos, cobranças e muitos desafios em relação a sua profissão. Indagadas sobre o que é **ser** professor(a) hoje, elas responderam que é um desafio muito grande, pois como descreve a entrevistada S:

Pra mim hoje, ser professora é mais que um desafio, porque você tem que lidar com muitas situações, você tem que ser pai, ser médico, ser amigo, tem que ser de tudo enquanto, um pouco de cada profissional em um só (S, 39 anos, 2019).

Como vimos no relato da entrevistada S, ser docente é uma profissão que engloba muitas outras em uma só, pois dentro de uma sala de aula, elas se deparam com muitas situações diversificadas, que requer um posicionamento de ética, moral e democracia, frente aos alunos. É como cita Paulo Freire: [...] “uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando” (FREIRE, 2011, p. 12).

Sabe-se que ter uma profissão docente não é tão simples, são muitos anos de estudo, de conhecimentos adquiridos, de formação e ao se concluir um curso o docente cria uma expectativa muito grande antes de iniciar na profissão. Há uma incerteza e uma falta de segurança se serão bem quistos no ambiente de trabalho.

Para entender melhor como as entrevistadas se sentem quanto a esse aspecto, perguntei o seguinte: Em seu ambiente de trabalho você se sente valorizado? Como é esse sentimento? As três entrevistadas foram unânimes em dizer que sim, que no seu local de trabalho se sentem valorizadas, pois trabalham em equipe buscando sempre a ajuda mútua. É como ressalta A:

No ambiente no qual trabalho, me sinto valorizada por parte da equipe de trabalho que para mim é uma excelente equipe. Tenho um sentimento de orgulho e gratificação por ter um trabalho que é reconhecido por parte de direção e coordenação (A, 37 anos, 2019).

No entanto, trazem em suas falas o sentimento de desvalorização fora do ambiente escolar, como constatamos na resposta da entrevistada E, quando diz que:

[...] quando se trata do portão para fora da escola, que aí vem famílias, autoridades que deviam nos valorizar, mas a gente não tem essa valorização, porque enquanto você está aqui fechado nos quatro cantos do muro da escola, você se sente o professor, porque sabemos do nosso papel, e a gente vem tentando fazer esse papel, apesar das dificuldades[...] (E, 53 anos, 2019).

Como podemos perceber na fala da professora, há uma insatisfação e um sentimento de desvalorização, quando se trata das autoridades, dos órgãos públicos e das próprias famílias de seus alunos, visto que a maioria dos pais depositam seus filhos na escola e acham que é obrigação dos professores educá-los em todos os sentidos. As mesmas também relatam que não percebem esforço por parte dos órgãos sociais, como por exemplo o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras em Educação Pública do Pará (SINTEPP), que ao invés de buscar melhorias para a classe, muitas vezes, fica brigando entre si, por questões partidárias e se esquecem do real objetivo que é lutar por melhores condições de trabalho. É como podemos perceber na fala da entrevistada S:

A meu ver, com relação a sindicalização da classe eu não vejo que a classe dos professores é uma classe unida. Porque eu estou dizendo isso? porque das diversas vezes que participei de reuniões e assembleias do sindicato, a gente consegue perceber nos discursos das pessoas, as vezes está posta uma pauta e aí o colega vai querer fazer uma participação, e as pessoas ficam se digladiando, inferiorizando o outro colega ou fica fazendo aquela “lavagem de roupa suja” na reunião que não tem nada a haver, ao invés de tratar do problema, fica falando do governo A ou B, que não leva ninguém a lugar nenhum, e aí volto para casa da assembleia e me pergunto o que eu fui fazer lá?, o que eu trouxe de concreto? que mudanças que deixamos pra fazer ? (S, 39 anos, 2019).

Questionadas sobre ter sofrido ou presenciado algum tipo de desvalorização pela sua profissão, as professoras responderam que na parte salarial são muito desvalorizadas, pois

sofrem muitos cortes ao longo de sua atuação. Também ressaltaram sobre a desmotivação que sentem em relação a quebra de contrato no meio e fim de ano, pela falta de interesse dos alunos em sala de aula, fazendo com que esses profissionais se sentem depreciados em seu local de trabalho. Outro ponto que citam é a falta de formação continuada voltado para o ensino fundamental maior, prejudicando uma boa qualidade da educação e impedindo o aperfeiçoamento desses profissionais. Desta forma, sabemos que a formação continuada é de suma importância para o profissional docente, pois possibilita o melhoramento da prática docente, mediante os novos conhecimentos, o aperfeiçoamento das metodologias de ensino e torna o professor mais reflexivo sobre sua prática. Pois como diz na lei Decreto nº 73352/10, III do Art. 2º:

III: desenvolvimento de políticas de formação de profissionais da educação para o atendimento da especificidade das escolas do campo, considerando-se condições concreta de produção e reprodução social da vida no campo;

Dentro de suas percepções e convivência com os alunos, as entrevistadas foram indagadas com as seguintes questões: em suas salas de aula, quantos alunos em média falam que querem ser professores? E você acha que eles valorizam essa profissão? Todas as professoras responderam praticamente a mesma coisa, que os alunos não se interessam nessa profissão, e que em uma sala de aula contendo de 20 a 30 alunos, um ou dois dizem querer seguir a carreira docente. Isso é uma questão bastante relevante que percebemos atualmente, os jovens não valorizam e não estão se interessando por esta profissão.

Mediante o exposto, fiz uma indagação sobre a percepção das entrevistadas a respeito dessa questão tendo em vista o fator cronológico, pois tem-se a ideia de que em alguns aspectos antigamente os professores eram mais valorizados e reconhecidos pelo seu trabalho. Sobre isso S resalta:

“O professor era autoridade, era reconhecido, os alunos esperavam o professor na sala para o conhecimento ou tentava dialogar em torno do conhecimento com o professor” (S, 39 anos, 2019).

O professor era como um baú de surpresa para os alunos, pois cada dia aprendiam algo novo, esperavam ansiosos para obter o conhecimento e juntos dialogar, respeitando o que ele falava.

Consequentemente, pelas várias mudanças que ocorreram de décadas em décadas, a era da informação, o acesso à internet, desestruturação familiar, a influência da mídia, tudo isso fez com que desviassem os olhares das crianças e adolescentes para com a educação. E o professor ficou nesse meio termo, de tentar trazer os alunos para os conhecimentos apropriados da escola e ao mesmo tempo utilizar como ferramenta de aprendizagem a tecnologia. Mas sabemos que isso não é tarefa fácil, e por isso, estamos com índices tão baixos de qualidade na educação.

Outra questão levantada por mim foi o que levou os(as) professores(as) a serem tão desvalorizados, suas respostas foram unânimes, disseram que o governo tem uma parcela de culpa muito grande nesse ponto, pois os investimentos em educação são muito poucos, a entrevistada S destaca que:

[...] porque seria inconveniente para alguns líderes, não ter em seu redor pessoas muito sabias, porque a pessoa que sabe ela não aceita qualquer coisa, ela sabe o que é correto e busca ser o máximo que ela pode ser correto na vida, então eu acho que essa questão está pautada para esse lado de falta de vontade política, porque a gente vive no mundo cheio de hierarquias, e os maiores, os que tem mais poder manda nos que tem menos [...] (S, 39 anos, 2019).

Por parte da esfera maior de poder, não há um desejo visível para construir uma nação aprofundada no conhecimento, pois quando a educação se torna prioridade dentro de um país o desenvolvimento gera muitas mudanças e transformações dentro de uma sociedade. Um povo que é raso em conhecimento é facilmente comandado pelos que tem mais poder, por outro lado, um povo mais sábio ver o que acontece em seu redor, fiscaliza, cobra, vai em busca de seus direitos, não deixa que sejam manipulados. Então enquanto não tivermos um investimento e potencializar a educação, o comportamento das pessoas não vai mudar, para isto, temos que ir em busca do que é melhor para nós.

Esperando o futuro: um olhar em perspectiva sobre a educação

Diante de todas essas questões comecei a refletir como será o futuro das próximas gerações, e fiz a seguinte pergunta para as professoras: quais perspectivas você tem para o futuro como pessoa e profissional? Elas responderam que é um futuro muito desafiador, principalmente na área da educação, pelo tamanho desinteresse dos jovens, com tanta informação que acaba trazendo muitas distrações para as pessoas e não permite que se aprofundem em absolutamente nada, fazendo com que torne um ser humano muito raso intelectualmente, a professora S diz que:

[...] Então, é um desafio grande para próxima geração resolver os problemas que estão sendo postos, se a gente parar para pensar na verdade, teria que parar o relógio para consertar as coisas para depois continuar (S, 39 anos, 2019).

Entretanto, o que se deseja para o futuro próximo é que seja uma geração com mais entusiasmo em busca de conhecimentos, preocupada com o bem-estar do próximo. As professoras esperam ver o profissional docente valorizado na sociedade, e ter a educação como prioridade em nosso país. Mas não podemos ficar esperando o futuro, temos que nos preparar hoje para construir os resultados que queremos para amanhã. Se realmente queremos mudar e reverter a situação em que se encontra nossa sociedade, não podemos ficar esperando que as

coisas aconteçam, devemos agir e lutar para assim conquistar o que desejamos. Como Paulo Freire diz:

Um dos piores males que o poder público vem fazendo a nós, no Brasil, historicamente, desde que a sociedade brasileira foi criada, é de muitos de nós correr o risco de, a custo de tanto descaso pela educação pública, existencialmente cansados, cair no indiferentismo fatalistamente cínico que leva ao cruzamento dos braços. “não há o que fazer” é o discurso acomodado que não podemos aceitar (FREIRE, 2011, p. 65).

Como o autor diz, não podemos cruzar os braços e nos acomodar, pois é isso que o poder instituído quer e faz, cometer tantos descasos com a sociedade e simplesmente não querer que a população se manifeste e busque pelos seus direitos que por lei são garantidos, mas que são violados pelos governantes para prejudicar os mais necessitados.

Partindo do pressuposto de que a educação é uma ferramenta muito poderosa, indaguei às professoras se era possível a educação transformar o mundo, todas responderam que sim, é possível transformar o mundo por meio da educação, pois como diz A:

A educação é uma arma muito poderosa, é através da educação que o cidadão se torna crítico e consegue buscar e compartilhar o desenvolvimento econômico, social e cultural, e consegue exercer o seu papel como cidadão (A, 37 anos, 2019).

Assim, o conhecimento se torna um dos meios de transformação social, cultural, econômico numa sociedade, entretanto como S ressalta:

Eu acho que educação pode transformar o mundo, mas se ela transformar primeiro as pessoas, o nosso futuro depende das nossas ações, o nosso futuro está em nossas mãos porque depende do que fazemos hoje, para que tenha bons resultados amanhã, se não fizer nada de concreto hoje não vou ter nada para colher amanhã. É preciso mudar, a educação sozinha ela não transforma o mundo, ela primeiro tem que transformar as pessoas, tem que transformar a mentalidade das pessoas e aí que está o grande desafio, porque ninguém conscientiza ninguém, então cada um tem que se conscientizar de fazer o que é correto, o que é bom, agradável, de querer o bem do próximo, mas isso é individual, e a gente ver pouco interesse nessa área (S, 39 anos, 2019).

Como a entrevistada disse, a educação transforma o mundo, mas se primeiro transformar as pessoas. A transformação tem de acontecer dentro nós primeiro, temos que fazer nossa parte, mudar nossa maneira de pensar e agir para assim conseguir mudar o que está em nossa volta. As pequenas mudanças diárias nos fazem crescer e evoluir cada vez mais, mas isso tem que partir da vontade própria, pois ninguém pode forçar mudar a outra pessoa, por isso essa transformação tem que ser individual, todos pensar em fazer o que é certo, agradável, justo e sempre pensar no bem do próximo. Nas palavras de Paulo Freire “no mundo da história, da cultura, da política, *constato* não para me *adaptar*, mas para *mudar*” (FREIRE, 2011, p. 75).

PALAVRAS FINAIS

Diante da pesquisa realizada, pude perceber muitas das dificuldades e dos desafios que os profissionais docentes enfrentam atualmente, pois além de sofrer com a desvalorização de sua profissão, a cada dia têm que buscar novas metodologias para que seu trabalho seja de qualidade e que faça a diferença na aprendizagem dos alunos, pois concorrem com muitos atrativos que dispersam a atenção destes.

A tecnologia é uma ferramenta que está presente em nossa vida e o docente tem que interagir com ela e estar atento às mudanças que ocorrem no campo tecnológico, pois este se modifica constantemente. Portanto, devemos sempre buscar a inovação de novos meios que possa acrescentar à educação. Desta forma, deve-se pensar mais em alternativas de formação continuada para esses profissionais estarem sempre atualizados e contribuir para melhorar a realização de seu trabalho. Para isto, os órgãos governamentais devem promover essas formações e garantir um currículo diferenciado e inovador.

Percebi nas falas das entrevistadas a relação ao tempo da prática docente referente ao ânimo profissional. Apresentando assim três diferentes etapas de experiência profissional em sala de aula, facilitando a compreensão mediante o tema pesquisado. É possível observar que os desafios encontrados durante a carreira docente mudam de acordo com as situações históricas da formação e atuação. Esse compromisso, assumido ao longo dos anos, representa a importância significativa da formação do educador e sua relevância social e histórica, que nem sempre tem sido valorizada como é de merecimento.

A formação profissional de um educador é um processo que acompanha sua vida pessoal e social e implica na construção de degraus cada vez mais altos que os levam a cada dia a construir estratégias e saber como fazer para que a educação seja de fato diferenciada, principalmente nas escolas do campo que são mais desfavorecidas. Essa formação vai além da aprendizagem de técnicas, conceitos e metodologias, ela requer um envolvimento maior, um elo de amor e compromisso com os alunos e suas comunidades, para que o desenho curricular não seja uma violência contra eles; isso requer planejamento e a capacidade de solucionar problemas.

Com este trabalho obtive muitas aprendizagens valiosas sobre o tema pesquisado, aprendi que educar não é simplesmente passar os conteúdos e aplicar provas, mas é perceber e principalmente refletir sobre o que acontece em nosso redor e mostrar para os alunos que a educação é uma ferramenta muito útil em nossa vida, uma vez que pode transformar a vida em vários aspectos, pode mudar a forma de pensar das pessoas. Estar preocupado com o

desenvolvimento das futuras gerações é um modo de querer ver a mudança acontecer, de querer ver o errado dando certo, do problema virar solução e querer mudar o mundo para melhor.

Constatei que os professores são agentes fundamentais nesse processo de desenvolvimento, mas eles têm um desafio muito grande na questão de fazer os alunos e a própria sociedade ver a educação como prioridade e como elemento de transformação. Por outro lado, devemos atentar para as políticas públicas e cobrar mais dos governantes, não podemos simplesmente cruzar os braços e ver a educação sendo massacrada. Devemos reagir e lutar por avanços positivos na sociedade, para assim alcançar um futuro promissor, com salários dignos, com formações adequadas e investimentos na educação. Com isso trará mais valorização essa classe.

REFERÊNCIAS

ACCÁCIO, Liéte Oliveira. A preocupação com a profissão docente: antiga, mas insatisfatória. In: *Revista Educação em Questão*, Rio de Janeiro, maio/ago. 2005.

BRASIL. Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010. Brasília, 2010; 189º da independência e 122º da república.

BICALHO, Ramofly. “**Educação do campo e pedagogia da alternância no Brasil**”. Educare et Educare. Vol. 8 no 15 jan./jun. 2013 p.45-58.

FEDERICCI, Angelica. **II Relatório de Tempo Comunidade** – Curso de Educação do Campo/Universidade Federal do Pará/Campus de Altamira, Polo de Brasil Novo, Pará, 2016. *Mimeo*

FONTANA, Roseli A. Cação. **Como nos tornamos professoras?** / Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LINHARES, Célia; LEAL, Maria Cristina (orgs). **Formação de professores** – uma crítica à razão e à política hegemônicas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2º ed.- Petrópolis, RJ: vozes, 2008.

Anexos

Formulário de Entrevista**Nome:****Local e data de nascimento:****Localização:****Profissão:****Tempo de atuação:**

- 1) O que é ser professor(a) para você hoje?
- 2) De onde veio seu interesse pela profissão docente/ como se tornou professor?
- 3) Qual é a sua formação? Como foi seu ingresso no ensino superior?
- 4) Em seu ambiente de trabalho você se sente valorizada? Como é esse sentimento?
- 5) Você já presenciou ou sofreu algum tipo de desvalorização pela sua profissão?
Comente.
- 6) Nas salas de aula onde você atua, quantos alunos em média falam que querem ser professores? Você acha que os alunos valorizam o profissional docente?
- 7) Na sua concepção, a profissão docente era mais valorizada antigamente? Por quê?
- 8) Na sua opinião, o que levou os(as) professores(as) a serem tão desvalorizados hoje em dia?
- 9) Quais perspectivas você tem para o futuro como pessoa e como profissional?
- 10) Você acha que a educação pode transformar o mundo? Como?